

# **INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM JUNTO A PACIENTES COM ESQUIZOFRENIA: UMA ABORDAGEM HUMANIZADA**

RIBEIRO, Adilson da Silva<sup>1</sup>

MARQUES, Franciele<sup>2</sup>

ZANELLA, Renata<sup>3</sup>

## **RESUMO**

A esquizofrenia é uma psicopatologia crônica que compromete gravemente a percepção, o pensamento, o comportamento e a interação social do indivíduo, exigindo cuidados contínuos e especializados. Este estudo teve como objetivo analisar o papel do enfermeiro no cuidado e acompanhamento de pacientes com esquizofrenia, determinar de que forma as suas intervenções podem influenciar a qualidade de vida e a adesão ao tratamento destes pacientes, além de identificar como o enfermeiro enfrenta os desafios no cuidado de pacientes com esquizofrenia. A revisão da literatura revelou que a enfermagem possui papel fundamental, indo além do acompanhamento clínico e da administração de medicamentos, ao promover vínculos terapêuticos, cuidado humanizado e orientação contínua aos pacientes e seus familiares. Os enfermeiros enfrentam desafios significativos no cuidado de pacientes com esse transtorno, como a resistência ao tratamento, o manejo de sintomas psicóticos e os dilemas éticos em situações de internação compulsória. Ainda assim, quando atuam com base em conhecimentos técnico-científicos, escuta ativa e comunicação empática, conseguem contribuir para a estabilização clínica e a reinserção social dos pacientes. Conclui-se que o trabalho do enfermeiro é essencial para o enfrentamento dos desafios impostos pela esquizofrenia, sendo necessário um cuidado sensível, ético, interdisciplinar e pautado na valorização da dignidade do sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enfermagem. Cuidado especializado. Esquizofrenia. Saúde mental.

## **NURSING INTERVENTIONS WITH PATIENTS WITH SCHIZOPHRENIA: A HUMANIZED APPROACH**

## **ABSTRACT**

Schizophrenia is a chronic psychopathology that seriously compromises the perception, thought, behavior and social interaction of the individual, requiring continuous and specialized care. This study aimed to analyze the role of nurses in the care and follow-up of patients with schizophrenia, determine how their interventions can influence the quality of life and adherence to treatment of these patients. In addition to identifying how the nurse faces the challenges in the care of patients with schizophrenia. The literature review revealed that nursing has a fundamental role, going beyond clinical follow-up and drug administration, in promoting therapeutic links, humanized care and continuous guidance to patients and their families. Nurses face significant challenges in the care of patients with this disorder, such as resistance to treatment, management of psychotic symptoms and ethical dilemmas in situations of compulsory hospitalization. Still, when they act based on technical-scientific knowledge, active listening and empathic communication, they can contribute to the clinical stabilization and social reintegration of patients. It is concluded that the work of the

---

<sup>1</sup> Acadêmico de Enfermagem do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: [asribeiro2@minha.fag.edu.br](mailto:asribeiro2@minha.fag.edu.br)

<sup>2</sup> Acadêmica de Enfermagem do Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: [fmpaltnmayer@minha.fag.edu.br](mailto:fmpaltnmayer@minha.fag.edu.br)

<sup>3</sup> Enfermeira docente do Centro Universitário Assis Gurgacz, Mestre em Ensino nas Ciências da Saúde. E-mail: [renatazanella@fag.edu.br](mailto:renatazanella@fag.edu.br)

nurse is essential to face the challenges imposed by schizophrenia, being necessary a sensitive care, ethical, interdisciplinary and based on the appreciation of the dignity of the subject.

**KEYWORDS:** Nursing. Specialized care. Schizophrenia. Mental health.

## 1. INTRODUÇÃO

A esquizofrenia é um transtorno mental crônico que afeta a percepção, o pensamento e o comportamento, exigindo um manejo especializado e multidisciplinar. É uma psicopatologia crônica marcada por características persecutórias, como delírios, alucinações, alterações na fala, comportamento, agitação, irritabilidade, embotamento afetivo, catatonismo e isolamento social. Trata-se de uma doença que afeta a personalidade, atingindo a essência do "eu", alterando a experiência de vida e prejudicando a capacidade de interação da pessoa com a realidade (CASTRO; FUREGATO, 2008).

Neste sentido, o artigo teve como objetivo analisar o papel do enfermeiro no cuidado e acompanhamento de pacientes com esquizofrenia, determinar de que forma as suas intervenções podem influenciar a qualidade de vida e a adesão ao tratamento destes pacientes, além de identificar como o enfermeiro enfrenta os desafios no cuidado de pacientes com esquizofrenia.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO OU REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A ESQUIZOFRENIA

A esquizofrenia, definida como uma ruptura entre pensamento, emoção e comportamento nos indivíduos, teve seus três subtipos clássicos iniciais (paranoide, hebefrênica e catatônica) tratados como doenças distintas até que Kraepelin os agrupou sob o termo "demência precoce". Com a posterior inclusão da esquizofrenia simples, introduzida por Bleuler, os subtipos de Kraepelin passaram a compor o conjunto de esquizofrenias estabelecido por Bleuler (SILVA, 2006).

Pacientes com esquizofrenia apresentam um déficit cognitivo generalizado, o que significa que seu desempenho em diversos testes cognitivos é inferior ao de indivíduos sem o transtorno. Eles exibem múltiplos déficits neuropsicológicos em áreas como raciocínio conceitual complexo, velocidade psicomotora, memória para aprendizagem nova e incidental, além de habilidades motoras, sensoriais e perceptuais. As alterações cognitivas mais marcantes incluem déficits seletivos em atenção, memória e resolução de problemas (SILVA, 2006).

Alucinações e delírios são comumente observados em algum momento ao longo da esquizofrenia. As alucinações visuais aparecem em 15% dos casos, as auditivas em 50%, e as táteis em 5% dos indivíduos, enquanto os delírios estão presentes em mais de 90% dos pacientes (PULL, 2005).

A esquizofrenia é identificada por meio de exames clínicos, considerando o contexto social em que o processo psiquiátrico ocorre (CASTRO; FUREGATO, 2008). Essa condição é considerada um problema de saúde pública devido à incapacidade que provoca no indivíduo, causando frequentemente um impacto negativo no convívio social, familiar e econômico (GIRALDI; CAMPOLIM, 2014).

Giacon e Galera (2006) destaca que a predisposição para o desenvolvimento da esquizofrenia pode estar ligada a fatores biológicos, como questões genéticas ou anomalias cerebrais, além de deficiências nos neurotransmissores. Também considera os fatores psicossociais, que envolvem as relações e interações do indivíduo com seu ambiente social.

Nas últimas duas décadas, novas evidências científicas resultaram em uma hipótese revisada sobre a patogênese da esquizofrenia, focando em processos associados ao desenvolvimento cerebral. Diversas pesquisas indicam que eventos que ocorrem precocemente, seja durante a vida

intrauterina ou logo após o nascimento, podem ser cruciais na etiologia de alguns casos de esquizofrenia. Esses eventos podem interferir no desenvolvimento normal de certas estruturas cerebrais, tornando o indivíduo mais suscetível ao surgimento posterior dos sintomas da doença (SILVA, 2006).

A complexidade dos sintomas afetivos, cognitivos e comportamentais da esquizofrenia leva ao comprometimento das capacidades sociais, emocionais, cognitivas e ocupacionais do indivíduo, apresentando grandes desafios para aqueles que sofrem com a condição (AFONSO, 2002).

Este problema de saúde pública, demanda de investimento significativo do sistema de saúde. Embora apresente baixa incidência, a doença é de longa duração, o que resulta em um acúmulo, ao longo dos anos, de um número substancial de pessoas afetadas por esse transtorno, com variados graus de comprometimento e diferentes necessidades (GIACON; GALERA, 2005).

## 2.2 A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO CUIDADO DE PACIENTES COM ESQUIZOFRENIA

A enfermagem tem expandido continuamente sua atuação no setor de saúde, tanto em âmbito nacional quanto internacional. O enfermeiro desempenha um papel cada vez mais importante e ativo na identificação das necessidades de cuidado da população, além de promover e proteger a saúde dos indivíduos em suas diversas dimensões (BACKES *et al.*, 2012).

Segundo a Resolução COFEN Nº 564/2017, como princípios fundamentais:

O profissional de Enfermagem atua com autonomia e em consonância com os preceitos éticos e legais, técnico-científico e teórico-filosófico; exerce suas atividades com competência para promoção do ser humano na sua integralidade, de acordo com os Princípios da Ética e da Bioética, e participa como integrante da equipe de Enfermagem e de saúde na defesa das Políticas Públicas, com ênfase nas políticas de saúde que garantam a universalidade de acesso, integralidade da assistência, resolutividade, preservação da autonomia das pessoas, participação da comunidade, hierarquização e descentralização político-administrativa dos serviços de saúde (COFEN, 2017, p. 2).

Na enfermagem, além do conhecimento científico, o enfermeiro precisa de habilidades e competências essenciais, incluindo capacidade de tomada de decisões, organização e uma compreensão profunda da importância de humanizar o atendimento (MUNHOZ *et al.*, 2016).

A enfermagem reconhece sua responsabilidade em relação à qualidade do cuidado oferecido aos pacientes, à instituição, ao cumprimento da ética, das leis e das normas da profissão. Além disso, está ciente de que seu desempenho contribui para a valorização do cuidado e para a satisfação dos pacientes (FREITAS *et al.*, 2014).

No contexto assistencial, o enfermeiro atua de maneira proativa na prevenção de complicações, na avaliação de riscos e na prestação de cuidados seguros (ADÃO; SANTOS, 2012). Além disso, os enfermeiros são responsáveis pela administração segura de medicamentos antipsicóticos e pela orientação a pacientes e familiares sobre possíveis efeitos colaterais e a importância da adesão ao tratamento (FERREIRA; RIBEIRO, 2021). Para Backes *et al.* (2012, p. 224),

[...] a enfermagem pode ser amplamente definida como a ciência do cuidado integral e integrador em saúde, tanto no sentido de assistir e coordenar as práticas de cuidado quanto no sentido de promover e proteger a saúde dos indivíduos, famílias e comunidades.

O cuidado de enfermagem se caracteriza como uma prática social empreendedora, devido à sua atuação ativa e proativa nos diversos espaços profissionais e, sobretudo, pelas oportunidades de interação e associação com diferentes setores e contextos sociais (BACKES *et al.*, 2012).

O cuidado em enfermagem deve ser oferecido de maneira humanizada e holística, adotando uma abordagem integrada que inclua o cuidado emocional. Deve ser mais compreensivo e

personalizado para os pacientes, com o objetivo de garantir uma assistência de qualidade (FREITAS *et al.*, 2014).

Cabe destacar que o profissional de saúde precisa exercer empatia, sensibilidade e respeito, promovendo um ambiente acolhedor ao adotar uma postura proativa. Isso envolve a utilização de uma comunicação clara e aberta, formulando perguntas de forma cuidadosa e respeitosa, e fornecendo informações precisas sobre a doença e o tratamento (BACKES *et al.*, 2012).

O enfermeiro e sua equipe devem direcionar suas ações para atender às necessidades dos pacientes com esquizofrenia. No entanto, na prática, observa-se que enfermeiros psiquiátricos frequentemente enfrentam desafios para fornecer os cuidados de enfermagem adequados, considerando as particularidades dessa condição mental (SANTOS, 2017).

A promoção e a manutenção da saúde mental na enfermagem parte da realização de intervenções conforme necessário em diversos níveis, desde condições leves a graves, agudas e crônicas. Isso é especialmente importante para pacientes com esquizofrenia, que frequentemente têm dificuldades em cuidar de si mesmos (STEFANELLI *et al.*, 2008).

Tendo em vista o exposto, há necessidade de compreender os desafios enfrentados diariamente pelos portadores dessa condição, entender como o enfermeiro deve atuar junto a esses pacientes e suas famílias, e demonstrar à sociedade que, quando bem tratados e cuidados, os indivíduos com esquizofrenia podem conviver de maneira satisfatória no meio social, promovendo tanto a reinserção social quanto a familiar (TAVARES *et al.*, 2012). Nesse sentido, os profissionais de enfermagem precisam atuar de forma integrada para promover a saúde em seus diferentes aspectos (GIRALDI; CAMPOLIM, 2014).

Há necessidade de demonstrar à sociedade que, com tratamento e cuidado apropriados, indivíduos com esquizofrenia podem alcançar uma convivência satisfatória no meio social. A atuação dos enfermeiros deve ser orientada para promover a reintegração social e familiar dos pacientes. Para tal, é essencial que os profissionais de enfermagem trabalhem de forma integrada, abordando a saúde em seus diversos aspectos, fornecendo um cuidado holístico que considere as múltiplas dimensões da vida do paciente e contribua para sua recuperação.

Uma assistência de enfermagem sistematizada é crucial para proporcionar um cuidado de qualidade, realizando intervenções adequadas que promovam uma melhor qualidade de vida para esses pacientes (CARDOSO *et al.*, 2020). Assim, requer uma abordagem sistemática e bem estruturada, é essencial para proporcionar um cuidado que priorize a qualidade de vida dos pacientes (BACKES *et al.*, 2012).

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza descritivo-exploratória e viés qualitativo, foi conduzida por meio de uma revisão bibliográfica. O foco do trabalho recaiu sobre o enfrentamento dos desafios pelos enfermeiros no cuidado de pacientes com esquizofrenia, com especial atenção às estratégias adotadas para lidar com as particularidades da doença, a vida social dos pacientes e os fatores socioeconômicos que influenciam tanto o atendimento quanto o acesso aos cuidados de saúde.

Para a seleção dos estudos, foram definidos critérios de inclusão e exclusão rigorosos. Incluíram-se artigos científicos originais em português, publicados nos últimos 5 anos (de 2019 a 2024), disponíveis na íntegra e com acesso livre para download. A busca foi realizada nas bases de dados SciELO, Google Acadêmico e BVS, utilizando os termos "enfermagem", "esquizofrenia", "cuidados de enfermagem" e "cooperação e adesão ao tratamento", combinados pelos operadores booleanos AND e OR. Foram excluídas publicações que não se enquadravam nesses critérios, como revisões de literatura, estudos que não abordassem diretamente a prática da enfermagem ou que estivessem fora do período estabelecido.

A busca inicial resultou em 6 artigos na base SciELO, 9 no Google Acadêmico e nenhum na BVS. Após a leitura na íntegra e a rigorosa aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 3 artigos

da SciELO e 1 do Google Acadêmico foram selecionados, totalizando 4 publicações que servirão de base para a discussão na próxima seção.

## **4. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1 CUIDADO DA ENFERMAGEM AO PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA**

O cuidado de enfermagem ao paciente com esquizofrenia exige do enfermeiro e de sua equipe uma atuação sensível e fundamentada no entendimento das características peculiares desse transtorno mental. Conforme Silva *et al.* (2021), as ações do enfermeiro devem ser direcionadas às necessidades do paciente esquizofrênico, reconhecendo as dificuldades práticas enfrentadas dada a complexidade dos sintomas e das limitações impostas pela doença. Nesse contexto, a comunicação desempenha papel fundamental, aprimorando a capacidade do enfermeiro de se aproximar do paciente e facilitando a elaboração de planos de cuidado embasados em modelos e teorias de enfermagem.

Complementando essa perspectiva, Spagolla e Costa (2021) destacam que a essência da enfermagem reside no cuidado integral ao ser humano — abrangendo aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais — sem perder de vista o compromisso terapêutico. A atuação do enfermeiro em saúde mental envolve a promoção, preservação e reabilitação da saúde de indivíduos com esquizofrenia, contemplando diferentes níveis de atenção e fases do transtorno. O enfermeiro é peça-chave no processo de humanização do atendimento, devendo valorizar os hábitos e a cultura dos pacientes em todas as etapas do tratamento.

Silva *et al.* (2021) reforçam a necessidade de uma atenção holística aos clientes com transtornos mentais, desde a entrada até a alta hospitalar, conduzindo a evolução do paciente por meio do monitoramento contínuo de sinais e sintomas. Assim, a assistência de enfermagem sistematizada, fundamentada em conhecimento técnico e científico, viabiliza intervenções adequadas que visam melhorar a qualidade de vida desses pacientes. O cuidado, contudo, não deve ser restrito a procedimentos técnicos: o respeito, a escuta atenta, a construção de vínculo e a confiança são elementos indispensáveis, especialmente após a reforma psiquiátrica, que proporcionou aos pacientes esquizofrênicos a possibilidade de convívio familiar e social.

Nessa perspectiva, o cuidado de enfermagem à pessoa com esquizofrenia deve ser compreendido dentro de uma abordagem relacional, pautada na interação significativa entre profissional e paciente. A primeira análise científica desse vínculo foi realizada por Hildegard Peplau, que introduziu o conceito de "enfermagem psicodinâmica". Nessa vertente, o paciente deixa de ser visto como sujeito passivo e assume papel ativo na construção das metas e estratégias do processo terapêutico, em uma experiência de aprendizado mútuo entre enfermeiro e paciente (FRANCO, 2021).

Esse processo relacional se desenvolve em quatro fases — orientação, identificação, exploração e resolução — e requer que o enfermeiro assuma diferentes papéis ao longo do tempo. Inicialmente visto como estranho, pode tornar-se fonte de apoio, educador, conselheiro e, por fim, um líder. O objetivo é que sua atuação se adeque continuamente às necessidades do paciente, promovendo uma resposta terapêutica individualizada e humanizada (FRANCO, 2021).

Franco (2021) ainda reforça que a dimensão relacional é, portanto, central na arte de cuidar. Diversas abordagens sublinham que essa relação, seja chamada de terapêutica, de ajuda ou interpessoal, constitui um vínculo único, estabelecido em um momento específico e marcado pela construção de experiências significativas compartilhadas. Nesse contexto, o enfermeiro deve reconhecer os saberes e potencialidades do paciente, além de criar um ambiente adequado para o acolhimento de suas dúvidas, dificuldades e emoções.

Spagolla e Costa (2021) ressaltam, nesse mesmo sentido, a importância do cuidado que os profissionais de enfermagem devem ter com a família do paciente, pois são os familiares que

acompanham diretamente sua evolução no meio social e podem contribuir para uma melhor articulação com a comunidade. A equipe de enfermagem, juntamente com a equipe multiprofissional, possui papel importante na reabilitação do paciente e na orientação dos familiares cuidadores, sendo esses profissionais essenciais para garantir a assistência contínua ao portador do transtorno.

A psicoeducação também emerge como uma intervenção fundamental na prática da enfermagem em saúde mental. Trata-se de uma ação que envolve o paciente e sua família, com o objetivo de promover a saúde mental, ampliar o conhecimento sobre a doença, seus sintomas, o tratamento e os possíveis efeitos adversos dos medicamentos. Mais do que repassar informações, o enfermeiro deve agir como facilitador da aprendizagem, permitindo ao paciente compreender, aceitar e aderir ao tratamento proposto. Esse processo de construção do conhecimento é sustentado pela afetividade e pela qualidade do vínculo estabelecido entre o enfermeiro e a pessoa com sofrimento psíquico (FRANCO, 2021).

A adesão ao regime terapêutico, especialmente nos primeiros surtos de esquizofrenia e outras psicoses, influencia diretamente o risco de reinternações. O enfermeiro, nesse cenário, tem papel central no acompanhamento contínuo do paciente, enfrentando desafios éticos, emocionais e logísticos no exercício do cuidado (FRANCO, 2021).

Apesar da importância do cuidado humanizado, estudos como o de Rosa *et al.* (2021) destacam que o imaginário coletivo dos enfermeiros na Atenção Primária à Saúde (APS) sobre o paciente com diagnóstico de esquizofrenia é frequentemente marcado por crenças e emoções predominantemente negativas. De forma não consciente, esses usuários são percebidos como inconvenientes, causadores de alvoroço e fontes de medo, especialmente devido à suposta "agitação" típica da condição.

Essa percepção leva os profissionais a buscar uma "solução" rápida para a situação, evidenciando dificuldades na atenção em saúde mental, enraizadas na subjetividade grupal com caráter social e individual. O medo e a insegurança são comuns, com pacientes frequentemente taxados como desorganizadores do serviço e potencialmente agressivos, o que se reflete em um "olhar empírico" baseado em saberes populares e, por vezes, em um "olhar científico" excessivamente especializado que pode subordinar a enfermagem ao saber psiquiátrico, culminando em uma postura repressiva e vigilante (ROSA *et al.*, 2021).

O medo que o paciente com esquizofrenia parece despertar nos enfermeiros, e que pode levar a um exercício verticalizado do poder, foi também notado por Rosa *et al.* (2021). A complexidade do cuidado é reconhecida por esses profissionais devido a sintomas como heteroagressividade, delírios, alucinações e agitação psicomotora, os quais supostamente demandam vigilância constante. Curiosamente, outros sintomas, como a falta de interesse social, não são mencionados, sugerindo que apenas os comportamentos diretamente incômodos à equipe são destacados (ROSA *et al.*, 2021).

Essas percepções negativas frequentemente se relacionam à fase ativa da esquizofrenia, que engloba o "surto psicótico" com sintomas mais graves (ROSA *et al.*, 2021). No entanto, enfermeiros têm o papel e a capacidade de auxiliar usuários com esquizofrenia a se reconhecerem como sujeitos reflexivos, responsáveis e aptos ao retorno à vida social, desafiando a lógica de exclusão imposta por um imaginário coletivo ainda estigmatizante (ROSA *et al.*, 2021).

#### 4.2 DESAFIOS E INTERVENÇÕES DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA

A assistência de enfermagem ao paciente com esquizofrenia impõe uma série de desafios que exigem dos profissionais competências técnicas, sensibilidade relacional e capacidade de atuação integrada com a equipe interdisciplinar e a família. As novas exigências do cuidado, conforme Spagolla e Costa (2021), envolvem o resgate da subjetividade e da integralidade da vida

dos pacientes, destacando a comunicação como ferramenta essencial que aproxima o enfermeiro do indivíduo.

Complementarmente, Silva *et al.* (2021) enfatizam a necessidade de uma abordagem holística desde a admissão até a alta hospitalar, com monitoramento contínuo de sinais e sintomas e uma assistência de enfermagem sistematizada. O conhecimento técnico-científico é indispensável para a identificação e intervenção adequada, visando à melhoria da qualidade de vida desses pacientes. Contudo, a assistência não se restringe aos aspectos técnicos: o respeito, a escuta ativa, o estabelecimento de vínculos e a construção de confiança são elementos essenciais no atendimento.

Um dos desafios centrais apontados por Spagolla e Costa (2021) é o cuidado com a família do paciente esquizofrênico, que desempenha um papel crucial na evolução e na reinserção social do indivíduo. A equipe de enfermagem, em conjunto com outros profissionais de saúde, assume a responsabilidade de atuar na reabilitação do paciente e no preparo dos familiares para o cuidado cotidiano, buscando criar mecanismos de suporte e amparo que favoreçam a recuperação e a inclusão social.

Além disso, a adesão ao regime terapêutico representa um desafio diário, sendo que a construção de um vínculo sólido e confiável pode favorecer a mudança de comportamento e o engajamento do paciente no tratamento. Esse vínculo, todavia, pode ser ameaçado em situações de internação compulsória ou imposição judicial do cuidado, nas quais o enfermeiro se depara com dilemas éticos complexos que exigem constante reflexão (FRANCO, 2021).

Torna-se evidente, portanto, que o enfermeiro precisa ir além da técnica para que a relação com o paciente adquira caráter verdadeiramente terapêutico. Para isso, é necessário investir tempo, escuta ativa, empatia, conhecimento clínico e sensibilidade. Criar um ambiente acolhedor, no qual o paciente se sinta seguro para compartilhar dúvidas, angústias e necessidades, é fundamental para a construção de uma assistência significativa e transformadora (FRANCO, 2021).

Nesse sentido, a psicoeducação emerge como uma das intervenções fundamentais na prática da enfermagem, com o objetivo de promover a saúde mental, ampliar o conhecimento sobre a doença, seus sintomas, o tratamento e os possíveis efeitos adversos dos medicamentos. Esse processo de construção do conhecimento é sustentado pela afetividade e pela qualidade do vínculo estabelecido entre o enfermeiro e a pessoa com sofrimento psíquico (FRANCO, 2021).

Segundo Rosa *et al.*, 2021, apesar da reconhecida importância do cuidado em saúde mental, os enfermeiros frequentemente enfrentam desafios significativos, como sentimentos de medo e incompetência ao lidar com pacientes tradicionalmente designados como "loucos", agravados por fragilidades na formação e capacitação profissional. Essa realidade, muitas vezes, leva a práticas assistenciais medicalizantes, que desconsideram o contexto social e os vínculos dos indivíduos em sofrimento psicossocial, resultando na categorização arbitrária de seus comportamentos, em contraste com os princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB).

Em alinhamento com o objetivo deste estudo, a análise do imaginário coletivo dos enfermeiros revelou a representação predominante do paciente com esquizofrenia como um "paciente-problema" (ROSA *et al.*, 2021). Essa percepção negativa os associa a inconveniência, medo e situações que demandam "resolução" rápida nos serviços de saúde. A pressa nessas ações pode ser prejudicial, pois, ao limitar o tempo de permanência em ambientes que deveriam ser acolhedores, dificulta a inclusão do usuário nas decisões sobre seu tratamento e compromete a promoção do convívio social (ROSA *et al.*, 2021).

O medo que o paciente com esquizofrenia parece despertar nos enfermeiros, e que pode levar a um exercício verticalizado do poder, foi também notado por Rosa *et al.* (2021). A complexidade do cuidado é reconhecida por esses profissionais devido a sintomas como heteroagressividade, delírios, alucinações e agitação psicomotora, que supostamente demandam vigilância constante. Curiosamente, outros sintomas, como a falta de interesse social, não são mencionados, sugerindo que apenas os comportamentos diretamente incômodos à equipe são destacados (ROSA *et al.*, 2021).

Essas percepções negativas frequentemente se relacionam à fase ativa da esquizofrenia, que engloba o "surto psicótico" com sintomas mais graves (ROSA *et al.*, 2021). No entanto, os enfermeiros têm o papel e a capacidade de auxiliar usuários com esquizofrenia a se reconhecerem como sujeitos reflexivos, responsáveis e aptos ao retorno à vida social, desafiando a lógica de exclusão imposta por um imaginário coletivo ainda estigmatizante (ROSA *et al.*, 2021).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu analisar de forma abrangente o papel do enfermeiro no cuidado e acompanhamento de pacientes com esquizofrenia, evidenciando a complexidade e a relevância das intervenções de enfermagem para a melhoria da qualidade de vida e da adesão ao tratamento desses indivíduos. Ficou claro que a atuação do enfermeiro transcende a mera administração de medicamentos ou o acompanhamento clínico, abrangendo também o estabelecimento de vínculos terapêuticos, a promoção de um cuidado humanizado e a orientação contínua aos pacientes e suas famílias.

As intervenções de enfermagem, quando pautadas no conhecimento técnico-científico, na escuta ativa e na comunicação empática, contribuem significativamente para o fortalecimento da autonomia do paciente, a estabilidade clínica e a reintegração social. Ao mesmo tempo, o estudo evidenciou que os enfermeiros enfrentam desafios consideráveis, como a dificuldade de adesão ao tratamento, a resistência do paciente, os dilemas éticos em contextos de internação compulsória e o manejo de sintomas complexos da doença. Tais desafios exigem uma atuação sensível, ética e interdisciplinar, aliada ao apoio e à capacitação constante do profissional.

## REFERÊNCIAS

- ADÃO, R. de S.; SANTOS, M. R dos. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel. **Reme – Rev. Min. Enferm.**16(4): 601-608, out./dez., 2012
- AFONSO, P. (2002). **Esquizofrenia**. Conhecer a doença. Lisboa: Climepsi Editores.
- BACKES, D. S.; Backes, M. S.; Erdmann, A. L.; Büscher, A. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. **Artigo • Ciênc. saúde coletiva** 17 (1), Jan 2012, <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000100024>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/B4YNT5WFyKmn5GNGbYBhCsD/#>. Acesso em: 04 set. 2024.
- CASTRO, S. A de; FUREGATO, A. R. F. Conhecimento e atividades da enfermagem no cuidado do esquizofrênico. **Rev. Eletr. Enf.** 2008;10(4):957-65. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/46763>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- CARDOSO, A. O. J.; CARVALHO, G. T.; MATOS, T. S. (2020). A prática de enfermagem frente aos pacientes portadores de esquizofrenia. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem** 5, e5118-e5118.
- COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução COFEN Nº 564/2017**, 2017. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-5642017/>. Acesso em: 19 set, 2024.
- FERREIRA, E. F.; RIBEIRO, L. R. (2021). Impacto dos surtos psicóticos na dinâmica familiar: Uma revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, 34, eAPE-2020-0951.

FRANCO, Ana Isabel Jorge. Promoção da adesão ao regime terapêutico da pessoa com experiência de doença mental: relatório de estágio. **Mestrado em Enfermagem** – Área de Especialização em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiátrica) – Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Lisboa, 2021.

FREITAS, J. S de.; SILVA, A. E. B de C.; MINAMISAVA, R.; BEZERRA, A. L. Q.; SOUSA, M. R. G de. Qualidade dos cuidados de enfermagem e satisfação do paciente atendido em um hospital de ensino. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 2014;22(3):454-60 DOI: 10.1590/0104-1169.3241.2437.

GIACON, B. C. C.; GALERA, S. A. F. Primeiro episódio da esquizofrenia e assistência de enfermagem: revisão de literatura. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 40, n. 2, p. 295–301, jun. 2006.

GIRALDI A, CAMPOLIM S. **Novas abordagens para esquizofrenia**. Cienc. Cult. São Paulo, 66(2), 6-8, 2014.

MUNHOZ, O. L.; ANDOLHE, R.; MAGNAGO, T. S. B de S.; MENDES, T.; CREMONESE, LUIZA.; GUEDES, R. **Atuação do enfermeiro em unidade de pronto socorro**: relato de experiência. Biblioteca Lascasas, 2016; 12(1). Acesso em 10/04/2020. Disponível em: <http://www.indexf.com/lascasas/documentos/lc0882.php>. Acesso em: 02 set. 2024.

PULL, C. (2005). Diagnóstico da esquizofrenia: uma revisão. In: M. Maj.; N. Sartorius (Orgs.). **Esquizofrenia** (pp. 13-70). Porto Alegre: Artmed.

ROSA, D. C. J.; LIMA, D. M de; MIRANDA, L.; PERES, R. S. “Paciente-problema”: imaginário coletivo de enfermeiros acerca do usuário com diagnóstico de esquizofrenia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. e310108, 2021.

SANTOS, A. D. (2017). **Papel do Enfermeiro frente ao cuidado de pacientes esquizofrênicos**. <https://repositorio.faema.edu.br/handle/123456789/2092>.

SILVA, R. C. B da. **Esquizofrenia: uma revisão**. Psicologia USP, 17(4), 263-285, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Vt9jGsLzGs535fdrsXKHXzb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2024.

SILVA, Bruna Eduarda Alves da; SILVA, Suzanny Oliveira; QUEIROZ, Gabriela Caroline Silva; GUIMARÃES, Antônia Eliene Alves; BARROS, Keiliane Pinheiro Silva; MACHADO, Antônio Silva; VERAS, Artur de Souza; QUEIROZ, Patrícia dos Santos Silva. Papel do enfermeiro na assistência ao paciente com esquizofrenia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, e300101623918, 2021.

SPAGOLLA, Kelly Cristina; COSTA, Marli de Oliveira. A atuação da enfermagem na assistência ao portador de esquizofrenia no ambiente familiar. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, e30410716601, 2021.

STEFANELL, M. C.; FUKUDA, I. M. K.; ARANTES, E. C. (2008). In: STEFANELL, M. C. (org). **Enfermagem psiquiátrica em suas dimensões assistenciais**. Manole. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/534485/mod\\_resource/content/1/2sem2015/Capitulos/Stefanelli\\_Capitulos3.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/534485/mod_resource/content/1/2sem2015/Capitulos/Stefanelli_Capitulos3.pdf). Acesso em: 17 set. 2024.

TAVARES C. M. M, *et al.* **Atenção de enfermagem à família do portador de transtorno mental:** Contribuições para a educação permanente. *Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, 11(4), 767-774, 2012.